

SOCIEDADE, CIDADE E IMAGEM FOTOGRÁFICA

Demétrios Gomes Galvão*

tempestade de metáforas na estação nômade:

*um caleidoscópio de possibilidades desmembrando
o conteúdo geométrico das maquetes.*

*fechar as janelas diante do simulacro e
se derramar pelos diversos andares da cidade
pelo hipertexto de suas entranhas
de suas tripas magnéticas
de sua fauna nervosa e
sua flora deserta em seu rizoma de concreto.*

Demétrios Galvão

Entre o planejamento e o uso: a construção de subjetividade na cidade

Muitos são os olhares, imagens e discursos construídos sobre a cidade. De acordo com o ângulo escolhido, ela pode ser observada pela ótica da racionalização, do planejamento urbanístico ou pelo consumo ordinário do espaço, feito por seus praticantes. Hoje, as discussões em torno do tema cidade, correspondem a um vasto campo de abordagens, podendo ela ser percebida não apenas sobre o prisma da economia ou da política. Mas compreendendo-a por seus aspectos materiais e simbólicos, por sua tradição e modernidade, pelos seus gestos e relatos, por suas cidades visíveis e invisíveis, mostrando que a História, através da História Cultural, não pretende atender a questionamentos totalizantes e generalizados.

A construção do espaço urbano é tecida pela existência de vetores que constituem as linhas de força da cidade. Sendo alguns desses vetores, o poder institucional (gestores da cidade), os representantes do capitalismo (promotores imobiliários), os saberes científicos (urbanístico e sanitário) e as práticas cotidianas (usos e consumos do espaço). Essas linhas de força se cruzam, se agrupam, se fundem e também produzem bifurcações; tangenciam, desalinham. Essa movimentação de interesses e desejos fabrica imagens; instaura cenários.

Em seu aspecto formalista, a cidade é organizada através de uma racionalidade urbanística. Planejada a partir de saberes científicos e legislativos. Essa organização

* Mestrando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

pressupõe uma ação de poderes, que produz escrituras de leis, como planos digestores e códigos municipais de postura, que normatizam espaços e corpos. Assim, surgem às bases da *Cidade-Conceito* – cartesiana, funcionalista, reta e lisa. Ao passo, que atropela todo um patrimônio subjetivo que se constrói ao longo do tempo. A “cidade” instaurada pelo discurso utópico urbanístico é definida pela possibilidade da produção de um espaço próprio, de um não-tempo e da criação de um sujeito universal (CERTEAU, 1994).

Nessa discussão é necessário também perceber o poder, como microfísico e perpassando todas as esferas da vida social (FOUCAULT, 1979), com isso as práticas dos caminhantes ordinários da cidade – as pessoas que praticam e vivem a cidade no seu dia a dia e que a subvertem através de suas performances – constituem-se em ações políticas. Um jogo de poder entre quem administra a cidade e quem a vive no seu cotidiano. Nesse ponto de tensão, configuram-se constrangimentos, repressões e resistências na forma de práticas no espaço que perpassa invasões de terras para moradia e ocupações de ruas e calçadas do centro da cidade por camelôs, para vender suas mercadorias contrabandeadas do Paraguai.

As ações que ocorrem na cidade promovem intersecções que vão do macro ao microespaço, do poder panóptico aos micropoderes. Envolvendo os dois níveis da cidade, o institucional e as práticas cotidianas, ou seja, a ordem molar que corresponde às estratificações que delimitam objetos, sujeitos, representações e seus sistemas de referência; e a ordem molecular, que ao contrário, é a dos fluxos, dos devires, das transições de fases, das intensidades (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.321).

Porém, na relação que se estabelece entre a cidade planejada e os usos dela feito por seus habitantes, existe uma incongruência que suscita algumas problemáticas, como as relacionadas ao patrimônio e a memória, apenas para citar algumas. Gilberto Velho (2002) atenta para os projetos de cidade que são colocados em prática pelos discursos tecnocráticos e empresariais, que articulam saberes científicos e interesses imobiliários. Projetos esses, que têm suas bases calcadas no modelo de modernização empreendido nas cidades européias no século XIX. Que em sua maior parte, promoveu políticas de exclusão social e de destruição das “sujeiras” que o passado acumula, produzindo as rugosidades, as nuances, a memória, os significados dos fazeres cotidianos das populações.

O planejamento urbano, apoiado em uma engenharia social que ignora ou menospreza a dimensão simbólico-cultural, a experiência e identidades particulares, acaba gerando monstruosidades autoritárias, ainda por cima, ou por isso mesmo, ineficientes. Por outro lado, o culto e a reificação do mercado também atropelam, por sua vez, os interesses e valores de setores e segmentos sociais de menor poder político e econômico (VELHO, 2002, p.41)

Em consonância com Gilberto Velho (2002), Michael de Certeau (1996) apresenta uma crítica poética às políticas de organização do espaço urbano e de preservação de patrimônio, demonstrando uma preocupação com as produções de sentido que se constroem na cidade. Dessa forma,

o que torna a cidade habitável não é tanto sua transparência utilitária e tecnocrática, mas antes a opaca ambivalência de suas estranhezas. Um novo barroco parece vir substituir as geometrias racionais que repetiam por toda parte as mesmas formas, esclarecendo geograficamente a distinção das funções (comércio, lazer, escolas, habitat, etc.) (CERTEAU, 1996, p.191)

Seguindo o percurso, existem várias portas, janelas e senhas para se acessar a cidade, Janice Caiafa (2002) em suas jornadas urbanas preferiu a janela, mas não qualquer janela, mais precisamente uma que estivesse em movimento. Para discutir a cidade do Rio de Janeiro e suas subjetividades, Janice Caiafa observa a cidade através de uma de suas melhores formas, pela janela do ônibus, tanto pelo fato dele estar em movimento e possibilitar um olhar circular, que passeia e está de passagem por vários lugares, como por estar na janela, já que a “janela” configura o lugar onde geralmente se encontra uma testemunha ocular que a tudo observa, muitas vezes, sem ser vista. É precisamente do lugar de quem pesquisa circulando pela cidade, que ela expõe:

O transporte coletivo realiza o que talvez seja a força mais marcante da cidade: a dispersão. As cidades surgem produzindo um espaço de circulação. Pra além das casas familiares, a rua abriga desde o início nas cidades os encontros com estranhos, o contágio de idéias e doenças, a mistura que vem com o acesso aos lugares e a ocupação do espaço público (CAIAFA, 2002, p.18).

A perspectiva desse artigo é apontar um caminho teórico que capture a cidade de Teresina através das imagens fotográficas do seu cotidiano, a fim de perceber a sua subjetividade. Sendo assim, para essa discussão a história está sendo pensada com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes agitações febris como suas sínopes, apresentando-se como o próprio corpo do devir (FOUCAULT, 1979, p. 20). Logo, para observar a cidade na perspectiva de sua subjetividade, torna-se necessário imaginá-la:

Como um universo dissonante e pluralista, mundo do perspectivismo nietzschiano onde já não se trata de múltiplos pontos de vista sobre a mesma coexistência de cidadãos, mas múltiplas cidades em cada ponto de vista, unidos por uma distância e ressoando por suas divergências (PELBART, 2000, p. 48).

Dessa forma, a cidade de Teresina¹, para além da perspectiva de um *tabuleiro de xadrez* (NASCIMENTO, 2002), também se apresenta como um texto metafórico e metamórfico; com passagens secretas, atalhos e vários andares recheados de significados e ambigüidades. Nesse momento, a cidade está sendo percebida a partir de Michael de Certeau (1990), quando se remete que ela se inventa nas práticas de seus caminhantes, para além da *Cidade-Conceito* e do olhar *panóptico* do poder, possibilitando a construção de práticas e discursos nas curvas da ordem disciplinar.

Mas “embaixo” (down), a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, cujo corpo obedece aos cheiros e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se vêem. (CERTEAU, 1994, p. 171).

É através do uso e do consumo dos seus espaços, pelos caminhantes – que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas “piratarías”, sua clandestinidade, que a cidade torna-se um lugar possível, um lugar praticado. Esses caminhantes, a partir de suas práticas performáticas de caminhadas,

¹ A cidade de Teresina é o objeto de estudo da discussão teórica apresentada nesse artigo e desenvolvida na pesquisa de mestrado no Mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

através da escolha ou exclusão de caminhos, fazem das malhas urbanas um tecido de imagens que se assemelham a textos e vice-versa (CERTEAU, 1994).

Embora exista uma malha de poderes espalhados por todos os espaços para *vigiar e punir* (FOUCAULT, 1987), a vida no cotidiano não se resume a obediência e a docilidade. Pois é nele que determinadas práticas afloram desafiando poderes e é pegando carona no caminhante que se faz possível perceber um movimento de escape e de produção de sentidos, já que ele se utiliza das táticas e diferentemente das estratégias que

graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem (...). As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre movimentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc (Certeau, 1994, p. 102).

O caminhante ordinário é um experimentador sensível do que está ao seu redor, do que lhe atravessa e lhe punge, um consumidor atento a tudo que está a sua volta – imagens, signos, espaços da cidade, pessoas – processando informações e lendo imagens, construindo dessa forma sua subjetividade. Nesse sentido,

a subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material. O que se poderia dizer, usando a linguagem da informática, é que, evidentemente, um indivíduo sempre existe, mas apenas enquanto terminal; esse *terminal individual se encontra na posição de consumidor de subjetividade*. Ele consome sistemas de representação, de sensibilidades, etc. – sistemas que não têm nada a ver com categorias naturais universais (GUATTARI, 1996, p.32).

Antes que seja tarde, se faz necessário perguntar o motivo de analisar a subjetividade da cidade de Teresina. Questão que encontra ressonância em Peter Pál Pelbart:

O desafio consistiria em livrar-se do pseudo-movimento que nos faz permanecer no mesmo lugar, e sondar que tipo de meio uma cidade ainda pode vir a ser, que afetos ela favorece ou bloqueia, que trajetos ela produz ou captura, que devires ela libera ou sufoca, que forças ela aglutina ou esparze, que acontecimentos ela engendra, que potências fremem nela e à espera de quais novos agenciamentos (PELBART, 2000, p. 45).

Janice Caiafa (2002) entende a cidade como um espaço de experimentação subjetiva, e é precisamente no cotidiano da cidade, que acontecem as artes de fazer; as ações ordinárias de quem a vive e a consome na sua profundidade, desenvolvendo dinâmicas que ultrapassam a organização racionalista e progressista de uma utopia urbana. Promovendo deslocamentos no que se estabelece como norma e padrão, justamente por que os fluxos que atravessam a cidade não são passíveis de serem aprisionados. São por esses motivos que a cidade é rede, multiplicação, fluidez, escape, dispersão. Metáforas que representam sua maleabilidade. Sendo assim,

a função subjetiva das cidades consiste precisamente nesse trabalho com o desejo deflagrado pelas engrenagens urbanas. Ao partilharmos o espaço da cidade com outros, ao visitarmos seus edifícios, ao circularmos por suas vias, somos constantemente mobilizados ou interpelados. De uma forma complexa, os processos urbanos funcionam como fatores de subjetivação (CAIAFA, 2002, p.37).

São as mais variadas combinações que ocorrem na cidade que permitem a inscrição de vários textos em seu corpo. Implicando associações como, por exemplo, entre cidade e capital, campo e cidade, cidade e religião, corpo e cidade e mais as representações simbólicas dos diversos grupos sociais que a constituem. O que faz dela um emaranhado de símbolos e signos: um tecido informacional que perpassa os níveis materiais, simbólicos, visuais e semânticos.

A cidade se constitui como texto à medida que a construção dos seus espaços e os símbolos e signos que a compõe, são realizados através das práticas de seus habitantes ao longo do tempo. Dessa forma, há na cidade uma semântica histórica, que faz o passado ressoar no presente, mantendo em si os aspectos da tradição e da modernidade.

As *bifurcações*² de Jorge Luis Borges apropriadas por Gilles Deleuze (1991) podem ser emprestadas para essa discussão, como pontos nevrálgicos, momentos de escolha ou fuga, desdobramentos em tempo e espaço, históricos ou de percurso. A possibilidade em aberto, dizendo de outra forma, escolher um caminho sabendo da existência de outros, tão opacos quanto o escolhido, sob pena de mais adiante retornar ao ponto de partida. Assim são os itinerários construídos na e pela cidade; possibilidades de bifurcações e atalhos. A esse percurso Ítalo Calvino acrescenta que,

as cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas (CALVINO, 2003, p. 46).

Caberia dizer, que diante de uma grande população de observadores e interlocutores, existem tantas cidades quanto os sentidos produzidos na e sobre ela. Colocando em questão, qual seria a verdadeira cidade? A cidade do trabalho? A cidade comandada pelo capital imobiliário? A cidade dos administradores municipais? A cidade dos caminhantes ordinários? A cidade boêmia dos literatos e do prazer noturno? Ou a cidade da memória? É impossível afirmar qual cidade prevalece, tendo em vista que todas coexistem em um mesmo espaço e em alguns casos em tempos diferentes. Assim, é preciso pensar a cidade no plural, como ensina Ítalo Calvino (2003) em suas cidades invisíveis.

Dessa maneira, metáforas não faltam para pensar esse espaço repleto de significados e povoado pelos relatos mais extraordinários; onde uma infinidade de cidades fantásticas pulula por todas as ruas, esquinas, praças e bares. Elas se realizam na fala e nas práticas de seus habitantes, demonstrando que as cidades, fora do discurso técnico e urbanista, só existem em sua forma invisível, carregadas e constantemente recompostas aqui, nesta região escondida e funda, maquinaria desejante a que chamamos subjetividade (CASTELO BRANCO, 2005, p. 184).

A combinação entre os conceitos de Félix Guattari (1996), molar e molecular, e os de Michael de Certeau (1994), estratégias e táticas, contribuem para perceber a cidade como espaço de tensão entre a ordem das leis que instauram e organizam os

² O termo bifurcação é referente ao conto de Jorge Luís Borges “Jardim de veredas que se bifurcam”, presente no livro *Ficções* 2001.

espaços e as práticas ordinárias que neles acontecem, ou seja, a articulação entre o macro e os microespaços. É possível imaginar a cidade dividida em dois planos: molar e molecular, cujas ações se atravessam, não provocando um maniqueísmo dos contrários. No plano molar, estariam as estratégias, fincadas sobre os saberes científicos urbanistas e sanitaristas e sobre as leis que regulamentam o espaço urbano, com o propósito de seu gerenciamento, representando os discursos dos administradores municipais da cidade. No plano molecular, encontram-se as táticas, construídas pelos caminhantes para viver a cidade cotidianamente nos seus interstícios, consumindo seus espaços de acordo com seus desejos e necessidades.

É precisamente da configuração proposta a partir dos conceitos citados, que a cidade pode ser percebida como um campo de flutuação semântica; um campo de produção de sentidos variados, que se dá pelo entrelaçamento de todos os níveis de ação no seu espaço, fazendo emergir uma malha substancial de informações e significados. Mostrando que para além de um dualismo entre o material e o simbólico, a cidade é o espaço que aglutina diversas práticas e olhares; misturas que expressam a própria constituição da sua subjetividade.

Sobre fotografia e leitura: o olhar de quem caminha pela cidade

No contexto complexo e plural que se situa os estudos sobre cidade, o uso de diversas linguagens pelos historiadores tem feito com que ela possa ser captada através das sensibilidades artísticas que constituem uma época, como a música, a literatura, a fotografia e o cinema. Para um estudo cultural sobre cidade é preciso antes, perceber os diversos discursos e a linguagem por onde ele é representado, assim, a fotografia constitui-se em um desses caminhos de estudo, bem como, o desse artigo.

Círio Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997) afirmam que o trabalho com fotografias, se configura na análise de uma realidade formulada a partir do trabalho de homens como produtores e consumidores de signos; um trabalho cultural, cuja compreensão é fundamental para se operar sobre esta mesma realidade.

Caminhar pela cidade é antes de tudo uma experiência sensorial e imagética, imagens das ações que ocorrem no espaço urbano e constroem a visualidade da cidade, instaurando contornos sinuosos: os espaços cheios e os vazios, o colorido das barracas de camelôs e os néons, a arquitetura das casas antigas e dos prédios modernos, como

também a arquitetura das pessoas movimentando-se pelas ruas, disputando espaço com barracas, carros, bicicletas e tantas outras coisas.

Esse tecido imagético que se constroeu no espaço da cidade, se dá pela interligação de várias imagens, pois uma imagem nunca está só, está sempre em relação com outras e em relação com o campo de visibilidade que a sustenta, seja material, seja mental ou sentimental (MEIRA, 2003, p.46). É dessa forma que as imagens de uma cidade se faz plural, pelas conexões que elas suscitam.

A percepção da cidade através de fragmentos da sua imagem leva o usuário à surpresa que rompe o hábito do uso, à comparação entre fragmentos espaciais, entre a atual e a pregressa experiência urbana, o flagrante de pontos de contato e diferenças de espaços e experiências e à ênfase, ao realce de traços, dimensões, cores, texturas, fluxos, valorizados na combinação de um uso. Leva o homem a captar, confrontar e informar espaços idênticos, próximos ou divergentes. A comparação é o método fundamental em uma pesquisa de percepção ambiental (FERRARA, 1988, p.77-78).

Relacionando cidade, subjetividade e linguagem fotográfica, a cidade está sendo pensada como um emaranhado de signos, onde se somam informações de temporalidades diferentes coexistindo simultaneamente no mesmo espaço. Não existindo mais passado e presente, apenas o agora, uma geografia imagética, uma topografia de sensibilidades costurada de informações históricas. Dessa forma, têm-se um tecido imagético, que apreende a linguagem verbal e não-verbal, compreendendo os traços arquitetônicos, as inscrições em paredes e podendo essas informações ser captadas pela objetiva de um fotógrafo, o que caracteriza a fabricação de uma realidade, a partir dos signos que constituem a cidade.

Plasticamente o cotidiano das cidades é um lugar onde as experiências estéticas são produzidas pelos acontecimentos. Dito isso, é precisamente do olhar de caminhante que se faz possível a proposta colocada nesse artigo: a leitura de imagens fotográficas da cidade de Teresina, com o propósito de perceber a sua subjetividade.

Ler fotografias tem algo a ver com a aventura de percorrer labirintos de signos, guiado pelo desejo, não de encontrar a verdade da imagem, mas de descobrir que ela guarda vários possíveis. Ao levantar essa questão, faz-se necessário lembrar o que Jorge Larrosa (2004) afirma sobre os processos de leitura:

Com a expressão “ler é como traduzir”, quero dar a pensar a leitura como uma operação na qual a linguagem se dá em sua condição babélica ou, dito de outro modo, quero sugerir que a leitura não é uma operação que se dá *na* língua, nem sequer em *uma* língua, mas uma operação que se dá *entre* as línguas, e entre línguas, além do mais, que levam em si, todas e cada uma delas, as marcas babélicas da pluralidade, da contaminação, da instabilidade e da confusão (LARROSA, 2004, p. 69).

Caetano Veloso (2006) escrevendo a respeito do ensaio fotográfico que Anna Mariani fez das casas da Cidade de Santo Amaro, sua cidade natal, parece apontar um olhar possível para o trabalho com a fotografia. Assim, *O que dizem essas casas?* Suscita um modo poético de se perceber a fotografia, principalmente quando ele diz: de frente para a câmera de Anna Mariani, elas parecem esboçar um sorriso silencioso. A câmera não pretende interpretar seus signos, mas entrar numa espécie de estado amoroso com a delicadeza de sua poesia (VELOSO, 2006, p.288).

A fotografia mais que um decalque do visível, deixa vaziar sensibilidades através de seus signos. O que desperta a atenção para a composição de ambientes, de cenários, de cidades. Utilizando a metáfora do leque que respira é possível imaginar o uso da fotografia na possibilidade que Roland Barthes (1984) constrói através do *punctum*, conceito que privilegia o detalhe, as flechas que atravessam a totalidade da fotografia e que punge quem a observa. Daí a intenção de observar o que é singular e não a contingência, e se houver contingência será o do tema “Cidade”.

Os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais da cidade constituem vetores que se articulam em uma malha informacional integrada. Embora, essa discussão privilegie os aspectos simbólicos e imagéticos do cotidiano, Boris Kossoy (1999) lembra que esses vetores não podem se perder de vista, tanto na percepção da cidade como na análise das fotografias.

A despeito da fotografia, o seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada do registro (KOSSOY, 1999, p.22).

Refletindo sobre o ato fotográfico, o fotógrafo a partir do seu enquadramento,

escolhe o que vai fazer parte ou não da sua imagem, da sua intenção de comunicar ou mostrar algo. É o fotógrafo que instaura em um primeiro momento a realidade da fotografia, pois, ao passo que ela é exposta a observação de um público, atravessamentos irão acontecer, entre os observadores e os signos que a fotografia carrega em sua epiderme sensível. Uma produção de sentido se processará no intermédio entre o olhar do leitor e a representação fabricada pelo fotógrafo. Tem-se assim, construções sentimentais, memorialistas, históricas, culturais e etc.

O compromisso da fotografia com o realismo pode adaptar-se a qualquer estilo, a qualquer abordagem do tema. Às vezes, ele será definido mais rigidamente como a criação de imagens que se assemelham ao mundo e nos informam ao seu respeito. Interpretado de modo mais amplo, fazendo eco à suspeita contra a mera similitude que inspirou a pintura durante mais de um século, o realismo fotográfico pode ser – e é, cada vez mais – definido não como o que “realmente” existe, mas como aquilo que eu “realmente” percebo (SONTAG, 2004, p.136).

Observando mais precisamente o que Susan Sontag (2004) diz ao final de sua fala, a imagem não só se apresenta contendo os sentidos construídos pelo fotógrafo, mas também, através dos olhares lançados por quem a observa. Dessa maneira, pode-se imaginar o consumo que pode ser feito da imagem, assim como as produções de sentido.

Uma outra fala, que vem a contribuir é a de Lucrecia Ferrara:

O recurso da máquina fotográfica estabelece um *estranhamento* entre o espaço ambiental e seu uso habitual, permitindo, então explicar, não só a imagem da cidade, mas a seleção dos seus ângulos claramente relacionados com o cotidiano. Esta seleção *surpreende* o próprio usuário quando dela ele se apropria através da imagem fotográfica revelada, e isto constitui estímulo para a verbalização do uso como significado da cidade (FERRARA, 1988, p.77).

A cidade é um impacto informacional (FERRARA, 1988), e antes de qualquer coisa, essas informações chegam primeiro através de imagens, do contato visual com as formas e cores da cidade, e com as ações que ocorrem em seus espaços. Ler a cidade é um exercício de ler imagens.

O trabalho que capta a discussão de cidade pelo viés da imagem fotográfica, é possível à medida que a condição da pluralidade se coloca, tanto para pensar a produção de sentido de homens e mulheres na cidade, como no momento da leitura das fotografias. A partir do que vem sendo discutido, uma reflexão que ilumina a cidade de Teresina pelo prisma das imagens fotográficas, possibilita não só a percepção de sua subjetividade, mas também das sensibilidades que constituem sua história. É desse ponto que se fazem necessários estudos que compreendam a cidade de Teresina dentro das suas multiplicidades. Nesse sentido, este trabalho aumenta e diversifica, no leitor, a capacidade de reconhecer e operar linguagens. Isto tem alguma coisa a ver com a invenção e imaginação: outra forma de fazer história (FERRARA, 1988, p. 18).

Referência Bibliográfica:

BARTHES, Roland. **A câmera clara:** nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BORGES, Jorge Luís. O jardim de veredas que se bifurcam. In: **Ficções**. Trad. Carlos Nejar. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2001.

CAIAFA, Janice. Viajar e as cidades. In: **Jornadas urbanas:** exclusão, trabalho e subjetividade nasa viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p.17-39.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainard. Rio de Janeiro: O Globo. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003, p. 46.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Tristeresina, um lugar triste e lindo, capaz de nos ensinar que as cidades existem em sua forma invisível. In: VASCONCELOS, José Gerardo e ADAD, Shara Jane Holanda Costa (Orgs). **Coisas de cidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2005, p. 175-184.

CERTEAU, Michel de. “Fazer com: usos e táticas” e “Caminhadas pela cidade”. In: **A invenção do cotidiano:** 1- Artes de Fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 91-106 e 169-191.

_____ e outros. Os fantasmas da cidade. In: **A invenção do cotidiano:** 2. morar, cozinhar. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 189-207.

DELEUZE, Gillez. Impossibilidade, individualidade, liberdade. In: **A dobra:** Leibiniz e o barroco. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991, p.

93-116.

FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. "O texto em silêncio" e "Uma pesquisa". In: **Ver a cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988, p. 7-18 e 75-80.

FOUCAULT, Michael. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 15-37.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

GUATARRI, Félix. Heterogênese. In: **Caosmose: um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 169-179.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. "Subjetividade e história" e "Apêndice: notas descartáveis sobre alguns conceitos". In: **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 1996, p. 25-126 e 317-323.

GILBERTO, Velho. Antropologia e cidade. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. **Cidade, História e desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 36-41.

KOSSOY, Boris. Construção e desmontagem do signo fotográfico. In: **Realidade e ficção na trama fotográfica**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002, p. 19-60.

LARROSA, Jorge. Ler é traduzir. In: **Linguagem e educação depois de babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 63-97.

MAUAD, Ana Maria; CARDOS, Círio Flamarion. História e imagem: os exemplos de fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Círio Flamarion, VAIFAS, Ronaldo. **Domínios da história**. São Paulo: Campus, 1997, p. 401-415.

MEIRA, Marly Ribeiro. Terra a vista. In: **Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: Mediação, 2003, p. 11-50.

NASCIMENTO, Alcides do. A cidade dos sonhos. In: **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937 – 1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

PELBART, Peter Pál. Políticas de subjetividade. In: **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 23-49.

SONTAG, Susan. Evangelhos fotográficos. In: **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras. 2004, p. 129 -165.

VELOSO, Caetano. O que dizem essas casas? In: **O mundo não é chato**. São Paulo: Companhia das Letras. 2006, p. 288-289.